13 CONSTRUINDO ESPAÇOS DE CUIDADO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Beatriz de Melo Pereira
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros
Angela Bezerra da Silva
Dayne Maria Zacarias da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil

DOI:10.37085/bookAS.14.chap13

RESUMO

O presente estudo relata a experiência de profissionais residentes em Saúde da Família na condução de grupos terapêuticos voltados para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de um município da Zona da Mata Sul de Pernambuco. Objetivou-se evidenciar a importância da Atenção Básica como espaço estratégico para o cuidado integral e territorializado, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais, além do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Os encontros ocorrem mensalmente e são organizados conforme faixa etária e nível de suporte dos participantes, tendo as atividades planejadas pela equipe por meio de metodologias participativas, recursos lúdicos e materiais de baixo custo. Ao final de cada encontro são realizados

momentos de orientação e devolutivas às famílias, fortalecendo o cuidado compartilhado e longitudinal. Os resultados demonstram maior engajamento das crianças, melhora na interação social e fortalecimento do vínculo entre famílias e equipe de saúde. A experiência contribuiu para a formação das residentes, destacando a relevância do trabalho interdisciplinar, da escuta sensível e do cuidado humanizado na Atenção Primária à Saúde.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Austista, Grupos, Atenção primária à saúde, Equipe multiprofissional

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um dos transtornos do neurodesenvolvimento mais prevalentes na infância, caracterizada principalmente por dificuldades persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, bem como por padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades[1]. A abordagem para o transtorno deve se dar de maneira interdisciplinar, de forma contínua e personalizada, focando de modo especial no estímulo das habilidades sociais, desenvolvimento da comunicação e promoção da autonomia[2].

No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), a Atenção Básica possui centralidade e constitui-se como um lugar privilegiado quando se trata da continuidade do cuidado, visto que está mais próxima da vida cotidiana das famílias e comunidade de determinado território. Observa-se que por muitas vezes são nesses espaços de cuidado próximo à realidade de vida da família que surgem as primeiras inquietações acerca do neurodesenvolvimento da criança, e onde são direcionadas ao acompanhamento de maneira precoce e mais resolutiva, considerando o acompanhamento contínuo por meio especialmente das consultas de puericultura[3,4].

É válido ressaltar que o cuidado na Atenção Básica não se resume apenas à identificação precoce dos sinais dos transtornos do neurodesenvolvimento, mas também se apresenta

como lugar potencial para o suporte emocional, a orientação familiar e a articulação com outros serviços da Rede de Atenção Psicossocial[3,4].

Pensar o cuidado territorializado diz respeito à reconhecer a importância dos laços sociais, da convivência e do apoio social para o desenvolvimento da pessoa com TEA. Dessa forma, os grupos terapêuticos ou de estimulação cognitiva são espaços de convivência que se constituem como ferramentas centrais para o fortalecimento de vínculos e o estímulo à socialização, bem como são meios para a realização de trocas entre famílias que compartilham desafios semelhantes[5].

Desta feita, objetiva-se relatar a experiência das profissionais residentes em Saúde da Família na condução de um grupo para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido por grupos voltados a crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) de periodicidade mensal na Unidade Básica de Saúde (UBS) em um município da zona da mata sul de Pernambuco, desenvolvido com metodologias participativas, utilizando-se materiais de baixo custo e focando no estímulo das habilidades sociais e cognitivas desse público.

Os grupos ocorrem organizados de acordo com a faixa etária e com o nível de suporte que cada um apresenta, assim proporcionam um cuidado mais individualizado, acolhedor, seguro, humano e de consoante à realidade de cada pessoa e do território. As atividades são planejadas previamente pelas profissionais residentes da equipe multiprofissional (eMulti), considerando o desenvolvimento de aspectos relacionados à comunicação, socialização, coordenação motora, estímulos sensoriais e desenvolvimento emocional[2].

Para a confecção de ferramentas a serem utilizadas como mediadoras, a exemplo de jogos, são utilizados materiais de baixo

custo e fácil acesso, tais como papelão, cartolina, color set, lápis de cor, tinta guache e cola. As atividades são conduzidas de forma lúdica e interativa, utilizando-se de imagens, estimulando a participação ativa das crianças por meio de brincadeiras, dinâmicas coletivas e produções manuais, sempre respeitando o tempo, os limites, potencialidades e as singularidades de cada participante.

Ao final de cada encontro, é realizado um momento de devolutiva com os responsáveis, em que as profissionais compartilham observações sobre o desenvolvimento das crianças, orientações para continuidade dos estímulos no ambiente familiar e escuta das demandas trazidas pelas famílias, fortalecendo o cuidado compartilhado e longitudinal no território[3].

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O trabalho em grupo mostra-se especialmente importante para pessoas com TEA, considerando que favorece experiências de convivência, interação social e construção de vínculos, além de contribuir para o desenvolvimento de maneira global. A vivência coletiva também possibilita a troca entre as crianças e estimula habilidades sociais em um ambiente acolhedor e seguro, fortalecendo o sentimento de pertencimento e inclusão social[3,6].

Segundo o censo de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Brasil possui, em média, 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo[7]. Observa-se um aumento da prevalência do transtorno em virtude especialmente da ampliação de critérios diagnósticos, maior consciência social, melhorias nos sistemas de vigilância e expansão do acesso aos serviços especializados[8].

Ao mesmo nota-se que diante do aumento do número de pessoas diagnosticadas, há um falta de capacitação específica dos profissionais para responderem a essa demanda, dificuldade na detecção precoce e dificuldades de articulação com a rede de atenção[9,10].

Ainda que existam dificuldades cotidianas no manejo e acompanhamento de pessoas com TEA, muitas também são as possi-

bilidades de intervenção que demandam, em síntese, criatividade, autonomia e proatividade dos profissionais de saúde, considerando que os recursos públicos são escassos mas há uma demanda que necessita ser acolhida e respondida da maneira mais resolutiva possível[10].

Sendo assim, salienta-se que o grupo surgiu a partir de uma demanda identificada pela gestão municipal com relação à longa fila de espera no atendimento especializado. Desse modo, após uma capacitação realizada pelo município aos profissionais da atenção primária à saúde, a ideia do grupo na Unidade Básica de Saúde (UBS) configura-se como uma estratégia de cuidado no território para ampliar o acesso e garantir a continuidade do cuidado[3,4].

Como resultados, observou-se maior engajamento das crianças ao longo dos encontros, melhora na interação social e fortalecimento do vínculo entre famílias e equipe de saúde. A experiência contribuiu significativamente para a formação acadêmica e pessoal das profissionais residentes, permitindo compreender na prática a importância do cuidado territorial, do trabalho interdisciplinar e da escuta sensível no acompanhamento de crianças com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do grupo terapêutico na Unidade Básica de Saúde (UBS) mostrou-se uma importante ferramenta para o estímulo das habilidades sociais, cognitivas e comunicacionais, além de favorecer a interação social e o fortalecimento da autonomia de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ademais, a utilização de metodologias participativas e materiais de baixo custo demonstrou que intervenções acessíveis, contribuem para uma prática mais humanizada, inclusiva e resolutiva. O grupo também possibilitou o fortalecimento do suporte às famílias, promovendo espaços de escuta, acolhimento e compartilhamento de experiências entre cuidadores que vivenciam desafios semelhantes.

Destaca-se ainda a importância da atuação interdisciplinar das equipes de Saúde da Família e da articulação em rede para a continuidade do cuidado às pessoas com TEA. Para tal, fazem-se necessários investimentos em educação permanente, fortalecimento do trabalho em equipe e organização dos serviços, além da valorização do cuidado centrado na família e da integração intersetorial para garantir uma universalidade do cuidado de forma resolutiva e inclusiva.

REFERÊNCIAS

1. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed; 2023.
2. Scorzzo LV, Bonadiman DL, Silva JFB, Rolim Filho OL. Impacto do acompanhamento multiprofissional no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças com autismo. J Soc Issues Health Sci. 2025;2(2). doi:10.5281/zenodo.14925341.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [cited 2026 May 11]. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf
4. Maciel NGP. Abordagem do autismo infantil na atenção básica: revisão integrativa. Rev Interdisciplinar DE. 2020;7:466-481. doi: 10.35621/23587490.v7.n1.p466-48.
5. Gonçalves JBD, Oliveira FN, Araújo GC, Eustáquio ALAP. Relato de experiência: intervenção multidisciplinar em grupos terapêuticos para crianças e adolescentes com transtornos do neurodesenvolvimento e transtornos de aprendizagem. Rev REMECS. 2025;10(16):111-115.
6. Meira DG, Jesus JYO, Marques LF. Os benefícios das atividades físicas lúdicas para crianças com transtorno do espectro autista (TEA): desenvolvimento de habilidades sociais, biológicas e comportamentais. Rev Faculdades do Saber. 2023;8(18):1931-1941.

7. Montoro AC. Brasil tem 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo, aponta Censo; homens são maioria [Internet]. G1. 2025 [cited 2026 May 11]. Available from: https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/05/23/brasil-tem-24-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-aponta-censo-homens-sao-maioria.ghtml

8. Silva BE, Cassimiro RD, Carvalho ACT, Ribeiro LO, Cintra GS, Miranda CV, et al. Aumento dos diagnósticos de transtorno do espectro autista: fatores associados, diagnóstico e abordagens de tratamento. Braz J Health Rev. 2025. Doi: 10.34119/bjhrv8n6-383.

9. Spoladori LN, Melo ABO, Ferreira MHD, Ferreira LO, Silva RLG, Reis RBO, Monteiro SKC, et al. Assistência de equipe à criança com transtorno do espectro autista na Atenção Primária. Braz J Implantol Health Sci. 2026;8(3):1551-1561. doi: 10.36557/2674-8169.2026v8n3p1551-1561

10. Prigolli JB, Rostirolla LM, Grando P. Percepções e desafios de profissionais da enfermagem na Atenção Primária à saúde frente ao transtorno do espectro autista. Saberes Plurais Educ Saude. 2025;9(1):e146185. doi: 10.54909/sp.v9i1.146185.